



# ariús

Revista de Ciências Humanas e Artes

ISSN 0103-9253 versão impressa – ISSN 2236-7101 versão online

## **CENÁRIOS E PERSONAGENS DOS ENTREVEROS HOMICIDAS NO BRASIL DO SÉCULO XXI. ANÁLISE DO CASO DE CAMPINA GRANDE-PB.**

---

### **SCENARIOS AND CHARACTERS OF HOMICIDES IN CENTURY XX IN BRAZIL. ANALYSIS CASE OF CAMPINA GRANDE-PB**

Vanderlan Silva

Universidade Federal de Campina Grande

#### **Resumo**

Este texto apresenta e discute os principais resultados de pesquisa realizada durante os anos de 2010 e 2011 na cidade de Campina Grande sobre exclusão social e violência homicida. A pesquisa foi motivada pela crescente percepção da população campinense e dos relatos cotidianos da imprensa local sobre a vertiginosa incidência da violência homicida na cidade durante os primeiros anos da década inicial do presente século. Diante da singularidade objeto de estudo eleito, cujo evento ceifa a vida de um dos principais atores da cena social e coloca percentual considerável dos acusados de crime em situação de invisibilidade e emudecimento conscientemente produzidos, a pesquisa realizou coleta de dados sobre homicídios praticados na cidade durante os anos de 2009 e 2010 junto a quatro fontes secundárias, a saber: Instituto de Medicina Legal da Paraíba, Polícia Civil do estado, Jornal Diário da Borborema e Jornal da Paraíba. A análise documental empreendida na pesquisa mostrou que os homicídios praticados na cidade durante o recorte temporal feito na pesquisa indicam que Campina Grande tem vivido quadro alarmante de violência homicida, situação que a coloca entre as 200 (duzentas) cidades mais violentas do país. Outrossim, evidencia-se que os homicídios campinenses atingem de maneira desigual e antidemocrática a população da cidade, pois como

revelam os dados, as principais vítimas são atores sociais oriundos dos bairros pobres e periféricos da cidade; jovens, negros; com baixo grau de escolaridade, desempregados ou exercendo funções de baixa ou sem nenhuma formação profissional.

**Palavras-chave:** Violência. Homicídios. Análise documental. Campina Grande.

## **ABSTRACT**

This paper presents and discusses the main findings of a research concerning social exclusion and homicidal violence carried out between 2010 and 2011 in Campina Grande city. The research was motivated by the growing perception of the aforementioned city population and daily reports from the local press about the vertiginous incidence of deadly violence in the city during the early years of the present century initial decade. Due to the uniqueness of the study object whose event reaps the lives of the main actors of the social scene and put considerable percentage of the criminals charged in situations of invisibility and muteness, the research conducted data collection on homicides committed in the city during the years 2009 and 2010, together with four secondary sources, namely: Institute of Forensic Medicine of Paraíba, State Civil Police, Borborema Daily Newspaper and Journal of Paraíba. The document analysis has showed that the murders in the research study period indicate that Campina Grande has lived alarming picture of homicidal violence, a situation that places it among the two hundred (200) most violent cities. Furthermore, as the data show the homicides reach in an unequal and undemocratic way the city's population - the main victims are social actors coming from the poor and peripheral areas of the city; young people, black people; with low level of education, unemployed or low jobs workers or people without professional training.

**Keywords:** Violence. Homicide. Document analysis. Campina Grande.

## **Introdução**

Este trabalho<sup>1</sup> apresenta e discute os resultados de pesquisa realizada na cidade de Campina Grande sobre exclusão social e violência homicida durante os anos de 2009 e 2010. Segunda cidade do Estado da Paraíba em importância

---

<sup>1</sup> Uma versão preliminar deste texto foi apresentada durante o XVII Congresso Brasileiro de Sociologia, realizado na cidade de Salvador-BA, em setembro de 2013, cujo título foi Exclusão e violência letal: O caso de Campina Grande.

econômica e número de habitantes, Campina Grande conta com 402,109<sup>2</sup> (quatrocentos e dois mil) habitantes e se destaca no cenário estadual e regional por sua forte presença na área de serviços, da indústria de transformação e na produção de grandes eventos culturais.

A motivação para a realização da pesquisa pode ser atribuída a duas razões: Primeiro, à percepção crescente dos casos de violência entre muitos segmentos sociais em Campina Grande e à divulgação alarmante<sup>3</sup> por parte da imprensa local (tv's, rádios e jornais impressos). Esses fatores chamaram nossa atenção para o fenômeno e despertaram a necessidade de entender os enredos de tais eventos criminosos. Segundo, a divulgação do Mapa da Violência 2010, trazendo dados dos homicídios produzidos no Brasil até o ano de 2007, mostrava que estava em curso um forte processo de interiorização da violência, que atingia cidades de porte médio, tal como Campina Grande, de maneira nunca antes vista. Nesse processo, os índices nas principais metrópoles do país e na Região Sudeste começavam a perder força, ao passo que nas regiões Norte e Nordeste e mais particularmente nas cidades do interior dos estados dessas regiões, os casos de violência letal começaram a mostrar uma curva ascendente contínua nos últimos anos.

Na pesquisa, estabelecemos como objetivo compreender como esse processo de interiorização da violência no país se apresentava no cenário campinense<sup>4</sup>, para isso, procuramos identificar e interpretar em que medida os casos crescentes de violência letal atingiam os vários segmentos da população de Campina Grande.

Esse recente processo de interiorização da violência no Brasil no início de século XXI tem sido objeto de boas análises científicas, algumas das quais destacam

---

<sup>2</sup> A última estimativa feita pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e estatística) foi feita em 2014. <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=250400&search=paraiba|campina-grande>. Acessado em fevereiro de 2015.

<sup>3</sup> Em muitos casos, a percepção do crescimento da sensação de insegurança é reforçada pelos programas policiais estaduais e municipais, que fazem dos relatos sensacionalistas dos eventos violentos e crimes chamarizes para os ouvintes e/ou espectadores.

<sup>4</sup> Gentílico de quem nasce em Campina Grande.

as várias transformações ocorridas no país nas últimas décadas. Entre tais variáveis, vale ressaltar a forte repressão dos órgãos policiais na região Sudeste contra o crime organizado e a conseqüente migração de organizações criminosas para regiões nas quais os aparatos policiais não têm o mesmo poder de combate. Agrega-se a isso a variável da dinâmica do mercado de bens lícitos e ilícitos, que encontra na região Nordeste a possibilidade de expansão de seus mercados, em decorrência dessa região ter tido crescimento<sup>5</sup> econômico acima da média nacional na última década.

Vivendo em meio ao processo de "interiorização da violência", certamente ainda é cedo para que consigamos dimensionar com competência suficiente as múltiplas dimensões que tal processo tem produzido e produzirá nos anos vindouros no Brasil. Contudo, alguns estudos merecem destaque, entre eles o Mapa da Violência 2008, publicado pelo Instituto Sangari<sup>6</sup>, cujo período de análise cobre os homicídios entre 2002 e 2006, em cuja publicação a cidade foco de nossa pesquisa aparecia situada na 340<sup>a</sup><sup>7</sup> posição entre os municípios brasileiros, com uma taxa<sup>8</sup> de 36,2 mortes por grupos de cem mil habitantes. Embora a posição até então ocupada pela cidade no quadro dos municípios mais violentos do país não trouxesse razões para comemoração por parte de nenhum administrador da segurança pública, já que a taxa da cidade era superior à nacional. Todavia, o que se produziria nos anos seguintes revelaria que o processo de aumento da violência homicida no interior e particularmente na cidade se intensificaria. De acordo com nova publicação<sup>9</sup> que veio à luz em 2011, Campina Grande chegou à taxa de 48,4 homicídios por grupos de cem mil habitantes em 2010. No prazo de quatro anos a cidade "saltou" 160 (cento e

<sup>5</sup> Particularmente a região Nordeste. A respeito ver importantes análise do IPEA.

<sup>6</sup> WAISELFISZ, Julio Jacobo. Mapa da violência 2008, São Paulo: Instituto Sangari; Brasília: Ministério da Justiça, Ministério da Saúde; RITLA. 2008.

<sup>7</sup> Idem. Os números apresentados mostram que Campina Grande ostentava em 2006: 139 homicídios; em 2005: 136; em 2004: 124; em 2003: 126 e em 2002: 108. P. 21

<sup>8</sup> A taxa para grupos de cem mil mortes foi convencionalizada internacionalmente e é largamente utilizada em estudos e políticas públicas em todo o mundo para dimensionar o impacto dos homicídios. Vale lembrar que a ONU considera taxas acima de 10 casos por grupos de referência como endêmicas.

<sup>9</sup> WAISELFISZ, Julio Jacobo. Mapa da Violência 2012: Os Novos Padrões da Violência Homicida no Brasil, São Paulo: Instituto Sangari, 2011. p. 41

sessenta) posições no quadro das cidades mais violentas do país, passando a ocupar a 180ª posição.

Na busca de entender a relação entre exclusão social e crimes letais em Campina Grande, procuramos identificar os cenários e atores envolvidos nos entreveros que produziram “mortes matadas”. Para isso, procuramos conhecer os seus lugares sociais, a partir de variáveis como: idade, gênero, grau de escolaridade, local de moradia, profissão/ocupação, raça, estado civil etc.

A pesquisa foi realizada durante os anos de 2010 e 2011 e elegeu como recorte temporal o biênio 2009 e 2010. Até o final da pesquisa, concluída em meados de 2011, O Mapa da Violência 2012 até então não havia sido publicado. Após sua publicação no final de 2011, pudemos ter acesso aos dados sobre os homicídios no Brasil entre os anos de 2008 a 2010. Vale lembrar que esta “ausência” de dados até então também tinha servido como motivações para a realização da pesquisa, muito embora, como esperamos deixar claro ao longo deste trabalho, a publicação do Instituto Sangari não se propõe a fazer uma análise de profundidade dos dados, ao contrário de nossa pesquisa.

### **Construindo o campo metodológico em meio a arquivos**

A pesquisa foi realizada a partir de dados secundários colhidos junto a quatro fontes, sendo duas oficiais (e estatais) e duas jornalísticas, respectivamente Polícia Civil da Paraíba, onde colhemos os Boletins de Ocorrência (BO's) sobre homicídios referentes aos anos pesquisados; Instituto de Medicina Legal da Paraíba, doravante IML, no qual pesquisamos os laudos cadavéricos dos mortos por ação violenta provocada por outrem e Jornal da Paraíba e Diário da Borborema<sup>10</sup>. Esses dois últimos são jornais vespertinos de circulação estadual nos quais colhemos dados nas

---

<sup>10</sup> Fechou as portas em fevereiro de 2012. A nossa pesquisa foi uma das últimas a ter acesso aos arquivos do jornal em pleno funcionamento.

reportagens sobre crimes de homicídio cometidos em Campina Grande durante o período “coberto” pela pesquisa.

É importante esclarecer que a escolha de múltiplas fontes com informações sobre os eventos homicidas na cidade durante o período analisado foi enriquecedor, na medida em que nos permitiu fazer o cotejamento dos dados colhidos nas várias fontes, isso possibilitou o preenchimento de lacunas que por vezes se apresentava nos dados produzidos por uma ou outra instituição.

A escolha de trabalhar com dados secundários em arquivos de jornais e em instituições ligadas à Secretaria de Segurança Pública da Paraíba está diretamente vinculada à natureza de nosso objeto de estudo. Ao escolher trabalhar com homicídios, por razões óbvias nos foi impossível entrevistar as vítimas. Restava-nos ainda a possibilidade de se trabalhar com suspeitos e réus dos crimes. Todavia, o grande número de casos de homicídios cujos autores permanecem “desconhecidos” se revelou um obstáculo de difícil superação. Especula-se que no Brasil apenas 8% (oito por cento) dos casos de homicídios tem autoria esclarecida pela polícia. O acesso aos familiares das vítimas por sua vez também se mostrou difícil por causa do tempo exíguo que tínhamos para realizar um processo de aproximação, negociação e sensibilização com pessoas que passavam por processos psicológicos traumáticos após a perda de seus entes.

Por sua vez, o processo de negociação com os responsáveis pelas instituições responsáveis pelos dados foram realizados inicialmente através de contatos telefônicos e posteriormente oficializados mediante ofícios da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande. Um dos jornais cobrou a taxa de R\$ 30,00 para acesso aos dados e limitou<sup>11</sup> a quantidade de dias de acesso aos arquivos.

---

<sup>11</sup> Posteriormente, no decorrer da pesquisa in loco, a limitação de dias foi abolida, restando apenas a exigência de controle sobre horário e quantidade de pessoas que acessavam os arquivos dos jornais.

De início, foram colhidos os dados produzidos pelos dois jornais indicados. As dificuldades de acessar informações a respeito de crimes de homicídios se mostraram abundantes. Em primeiro lugar, nenhum dos jornais possuía “cadernos” ou páginas específicas, destinados aos acontecimentos comumente classificados como policiais, o que dificultou sobremaneira a “identificação” de reportagens a respeito dos homicídios, praticamente exigindo a leitura de todo o jornal. Segundo, a esporadicidade das reportagens sobre a temática tornou nossa pesquisa nessas fontes árdua e por vezes produzia a sensação de ‘tempo perdido’. A partir desse relato, talvez se possa pensar que esse foi um périplo de pesquisa pouco produtivo. Porém, se considerarmos a problematização<sup>12</sup> da produção dos dados por jornalistas, particularmente na atribuição de categorias às vítimas e aos agressores de casos de homicídios, certamente esse percurso de pesquisa se mostrará bem mais instigante.

Na coleta dos dados nas várias fontes nos utilizamos de questionário com 23 perguntas versando sobre as características das vítimas de homicídios, tais como data do crime, local, motivação, idades de vítima e suspeito, arma utilizada, cor da pele, escolaridade, profissão, estado civil, entre outras. O formulário foi adaptado<sup>13</sup> de acordo com a fonte acessada.

A pesquisa junto ao IML e à Polícia Civil se mostrou bem mais profícua em termos de coleta de dados do que nas fontes anteriormente citadas, pois essas fontes tinham muitas informações a respeito dos homicídios, seus contextos e personagens.

---

<sup>12</sup> Esta discussão será desenvolvida um pouco mais a frente, mesmo que não constitua o objetivo principal do texto em tela.

<sup>13</sup> Informações sobre a data da reportagem, que no caso dos jornais se mostrava imprescindível, era desnecessária para o BO’s e para os Laudos cadavéricos.

## **A construção dos dados**

Ao se trabalhar com dados produzidos por terceiros nós pesquisadores nos vemos “obrigados” a fazer uso de termos e classificações sobre os quais não exercemos nenhuma influência no seu processo de construção. Isso, todavia, não diminui nossa responsabilidade no uso de tais categorias. Assim, ao trabalharmos com as categorizações propostas por jornalistas, policiais e peritos, procuramos não tomá-las como valores em si mesmos, mas como objetivações de múltiplos processos e expressões de distintas visões dos atores sociais que as produziram e veicularam.

Entre as muitas categorizações utilizadas, vemos atribuições tais como marginal, usuário de drogas, noiado, analfabeto, desocupado, negro, pobre, queima de arquivo, baderneiro, marginal etc. Essas foram registradas e tomadas como classificações que expressam as leituras de mundo que jornalistas, policiais e peritos fazem do mundo e particularmente dos envolvidos em casos de homicídios em Campina Grande. Embora não tenhamos entrevistado diretamente esses personagens, entendemos que tais categorizações expressam amostras de suas visões através dos dados que produziram. E essas foram tomadas ao longo da pesquisa como pontos de vistas que precisam ser compreendidos a partir do lugar social de quem fala, muitas vezes expressando visões estigmatizadoras, outras vezes enunciando óticas paternalistas. Seja como for, são classificações que são tomadas como dados cristalizados, frutos de enunciados polissêmicos que resultam e enunciam os lugares e valores sociais de seus produtores. E como tal, precisam ser questionadas, relativizadas, colocadas em suspeição.

## **Discutindo a violência homicida**

Os eventos homicidas ocorridos em Campina Grande durante os anos de 2009 e 2010 com os quais trabalhamos em nossa pesquisa preenche bem algumas das principais definições do conceito de violência. Partindo-se da perspectiva de (MICHAUD, 2001), (FREUND, 1983), MAFFESOLI (2001) pode-se afirmar que a violência se configura como conjunto de ações e estratégias utilizadas contra alguém, seja esse indivíduo ou grupo, levando-o a agir (e a sentir) contra a sua vontade. A compreensão do fenômeno da violência não pode ser reduzida às suas manifestações mais visíveis e diretas, nas quais o uso da força física se evidencia. Todavia, é inegável que sua manifestação direta parece ser tomada como clássica, sobre a qual parece não restar qualquer dúvida de sua existência.

A percepção sobre os homicídios e os consequentes impactos gerados por sua incidência variam em consonância com os contextos histórico e social. Em uma sociedade cristã e capitalista como a nossa, na qual, teoricamente, o "bem da vida" é colocado como único e supremo, a manifestação de práticas homicidas parece afrontar e destruir aquilo que alguém pode possuir de mais relevante. De fato, o homicídio anuncia o fim de uma trajetória; ele acaba com a existência de indivíduos e na maioria dos casos prenuncia sofrimento para amigos e familiares. Essas são algumas das razões que tornam o evento do homicídio tão relevante socialmente nos dias atuais.

Contudo, mesmo sem se mostrar insensível às dores e aos sofrimentos produzidos em decorrência dos homicídios, ficamos atentos às palavras de (MICHAUD, 2001, p. 93), ao afirmar que

A tarefa da teoria social é compreender a violência como fenômeno social, entre outros. Ainda que pareça uma aberração, uma catástrofe ou uma disfunção

grave, o sociólogo não pode se deixar levar pela aparência ou ceder a julgamentos morais, e deve situá-la na unidade do funcionamento social.

Nessa direção, é razoável supormos que os sentidos atribuídos às práticas homicidas atualmente são diferentes de outras configuradas em momentos históricos distintos do nosso, mas certamente também se diferenciam entre os distintos grupos sociais que convivem no interior da sociedade brasileira atual.

Diante de certas óticas tradicionais, o homicídio parece se apresentar como uma das mais abomináveis práticas de violência, por causa das razões acima referidas, pois como mostrou (ELIAS, 1994), na modernidade as demonstrações de violência física foram sendo desestimuladas, desvalorizadas e relegadas aos lugares secundários quando comparados aqueles ocupados, por exemplo, durante a Idade Média. Na modernidade o uso das forças físicas passou a ser visto como expressão da incapacidade dos indivíduos de se autoconterem, demonstrando um menor domínio de si mesmo, o que equivaleria a um menor (ou precário) uso da racionalidade moderna.

No curso desse processo, o uso da violência simbólica passou a ser vista como conquista dos segmentos que tiveram acesso aos “bons níveis” de escolaridade e de “refinamento” social. Por conseguinte, aqueles que restaram à margem das aquisições dessas conquistas continuariam fazendo uso de “formas arcaicas” de violência para resolver seus conflitos<sup>14</sup>. É nessa perspectiva que muitos veem os homicídios em nossos dias. Não por acaso, os crimes ocorridos entre as classes médias brasileiras geram tanto clamor social, como se esses atestassem a presença da “barbaridade” que se acreditava sob controle e, portanto, distante de seus

---

<sup>14</sup> Conflito é aqui tomado como o conjunto de disposições latentes e/ou manifestos construídos e utilizados por indivíduos e grupos para expressarem suas discordâncias frente aos adversários. Os conflitos ajudam a compor a tessitura da vida social (SIMMEL, 1995) e, diferentemente da violência, que implica na tentativa de fazer imposições a sua vontade do adversário, o conflito enuncia posições distintas frente ao um mesmo objeto de desejo (GIRARD, 2008), sem necessariamente implicar em violência. A violência prescinde do conflito, mas não o contrário.

membros. Inversamente, quando os homicídios atingem os segmentos menos favorecidos, eles são vistos e relatados por muitos segmentos sociais conservadores e elitistas, notadamente também pelas forças policiais e por parte dos órgãos de imprensa, como “acontecimentos normais” para contextos fortemente marcados por carências das mais variadas ordens.

Ao analisar esse processo de “sensibilização” moderna, (ELIAS, Idem: 1994) aponta para uma novas configurações da violência nas sociedades ocidentais contemporâneas. Seguindo a mesma seara, (MARTUCELLI, 1999, p. 162) ao refletir sobre as condições da violência na condição moderna observa que

a violência... é representada sob a forma de um déficit de informação e um excesso de ação física ou de energia. Na violência a ação impõe-se sobre a informação; ela é uma desmedida energética num mundo de fluxos imateriais de informação.

Portanto, o uso da força física revelaria ausência de acesso ou de domínio de formas “mais racionais e suaves” de ser resolver conflitos. Como consequência, os que fazem uso deste tipo de violência nos dias atuais seriam vistos de maneira estigmatizada, tidos como grupos e indivíduos com acesso restrito aos bens simbólicos e materiais das sociedades burguesas contemporâneas. Tal como pudemos ler nos “discursos” durante nossa pesquisa, as vítimas dos entevos letais são apontados como “pobres”, “analfabetos”, “negros”, “favelados”, “sertanejos”, “desocupado”, “maconheiro”, “noiado”, “meliante”, para não citar mais do que algumas classificações largamente empregadas por jornalistas e policiais para situar socialmente vítimas e suspeitos de homicídios em Campina Grande.

Ao contrário daqueles que nos querem fazer crer em visões proféticas e utópicas, a violência, tal como os conflitos, não pode ser extirpada da vida social, pois ela constitui um elemento importante na configuração da vida em sociedade. Todavia, em nível de senso comum e mesmo para algumas abordagens científicas,

seus praticantes contemporâneos<sup>15</sup> parecem ser tomados como indivíduos que romperam com certo contrato social. Mesmo que, como bem observa (HERITIER, 2004), *“nenhuma sociedade permite ao indivíduo matar livremente outros, mas nenhuma sociedade o interdita completamente”*.

Assim, embora o uso da violência física permaneça como uma possibilidade ao alcance de todos, a autorização para o seu uso de forma legal somente seria conferida ao Estado (através de seu corpo de funcionários especializados: os policiais), enquanto detentor do monopólio do uso legal da força física (WEBER, 1982). Por conseguinte, os que não se enquadram neste perfil e praticam crimes de homicídio, entre outros, são considerados, por princípio jurídico, como criminosos.

O Estado, portanto, se constituiria como instituição mediadora e reguladora de conflitos entre indivíduos e grupos sociais, fazendo com que as manifestações de violência sejam minoradas, senão evitadas.

Nesse sentido, a perspectiva que analisa o controle do uso da violência física no mundo contemporâneo, também pode ser tomada como “denúncia” do crescente processo de intolerância contra as manifestações da violência física, em especial conta àquelas que não têm o aval de legitimidade.

Com efeito, é importante não se perder de vista que a estética (estéticas?) da violência contemporânea se produz em meio a interesses e conflitos das mais distintas ordens. Por sua vez, a maneira como esses são sentidos e julgados guardam entrelaçamentos com as visões e práticas de mundo de indivíduos e grupos que as enunciam, não só pelas ações de suas mãos, mas também pela força dos dados que produzem.

---

<sup>15</sup> Ao utilizar a expressão “praticantes contemporâneos”, gostaríamos de sublinhar que qualquer um pode ser autor ou vítima de tal evento, contudo, aqui trabalhamos como casos empíricos, a partir dos quais os discursos utilizados são acionados para classificar os atores sociais envolvidos.

## **Resultados: Cenários e personagens da violência homicida em Campina Grande**

Os dados colhidos junto aos arquivos dos jornais da Paraíba, Diário da Borborema, IML e Polícia Civil são “retratos” de uma realidade social, captados e revelados/produzidos a partir do registro de dado fenômeno social - a incidência das práticas de homicídio no município paraibano de Campina Grande. Ao mesmo tempo, como já delineamos anteriormente, os dados são visões, leituras de mundo que estão situadas nas redes de relações sociais na cidade foco de nosso estudo.

De acordo com os dados colhidos junto a essas fontes, no período analisado em nossa pesquisa, foram registrados 327 crimes de homicídios<sup>16</sup> no município. Desses, 140 ocorreram no ano de 2009 e 187 em 2010. Dentre as vítimas, nada menos do que 304 (trezentos e quatro) eram do gênero masculino<sup>17</sup>, sendo 129 em 2009 e 175 no ano seguinte, o que perfaz 93% dos eventos letais durante o período analisado. Talvez esse percentual pudesse ser explicado como resultado de uma maior exposição e circulação dos homens nos espaços públicos. Porém, é importante mencionar que não se trata apenas de maior circulação e exposição, pois caso contrário, como relacionaríamos as conquistas femininas na ocupação de espaços públicos à “baixa” incidência de violência homicida que atinge o gênero feminino em Campina Grande no biênio 2009-2010? Certamente, a explicação para a relação entre gênero masculino e violência homicida passa pela compreensão dos modelos de masculinidade e expressões de violência utilizadas em eventos conflituosos, bem

---

<sup>16</sup> WAISELFISZ, Julio Jacobo. Mapa da Violência 2012: Os Novos Padrões da Violência Homicida no Brasil, São Paulo: Instituto Sangari, 2011, publicado no final de 2011 traz números diferentes e ligeiramente superiores aos coletados na presente pesquisa. Segundo o Mapa... teriam sido 155 homicídios em 2009 e 218 em 2010. Em parte essa diferença pode ser explicada pelo tratamento metodológico dedicado aos dados. A nossa pesquisa cobriu os dados brutos, sem revisão e sem possíveis alterações. No caso da publicação citada, o autor se refere aos dados de 2010 como “preliminares” (p. 19), mostrando assim que os mesmos poderiam ser alterados. Apesar da diferença numérica, isso não representa um problema para a presente pesquisa, haja vista o propósito estabelecido na presente pesquisa.

<sup>17</sup> Idem (2011, p. 67), mostra que no Brasil, no ano de 2010, 91,4% das vítimas de homicídios eram do gênero masculino, o que demonstra uma “sintonia” entre os dados de Campina Grande e os nacionais.

como pelas precárias investigações policiais e as consequentes taxas elevadas de impunidade que prevalecem na realidade do país.

Igualmente revelador é o fato que 200 (duzentas) vítimas de violência letal na cidade de Campina Grande durante o período analisada eram jovens, com idades entre 14 e 29<sup>18</sup> anos, o que equivale a mais de 61% do universo investigado.

Dentre os dados disponíveis referentes ao estado civil, 164 (cento e sessenta e quatro) das vítimas foram descritas como solteiras, representando 50% do total. Na mesma esteira de informações referente ao grau de escolaridade, havia referências à escolaridade de 91 (noventa e um) pessoas para o ano de 2009, das quais 68 não tinham completado o Ensino Fundamental, 7 (sete) o tinham completado; 8 (oito) haviam completado o Ensino Médio e 2 dois tinham esse nível incompleto; 1 (um) tinha curso superior e 5 (cinco) foram descritos como alfabetizados. No ano de 2010 o quadro se apresenta com os seguintes números: Havia dados disponíveis referentes à escolaridade para 112 (cento e doze) vítimas. Entre essas, 74 (setenta e quatro) tinham o Ensino Fundamental incompleto, 21 (vinte e uma) o haviam completado; 8 (oito) tinham cursado o Ensino Médio e 2 (duas) não tinham completado tal nível de ensino; 6 (seis) apareciam como alfabetizada e 1 (uma) tinha curso superior.

Se considerarmos a junção dos números na categoria Ensino Fundamental incompleto nos dois anos, veremos que 142 (cento e quarenta e duas) vítimas forma incluídas nessa categoria, perfazendo 70% das vítimas. Inversamente, quando computados os números de vítimas com curso superior, obtemos o percentual de 1%. Uma primeira observação salta aos olhos, aos constatarmos que os homicídios atingem predominantemente as pessoas com graus mais baixos de escolaridade. Todavia, essa é uma relação que precisa ser mais bem estudada e compreendida. Se entendermos a violência como um instrumento, tal como (ARENDR, 2001), veremos

---

<sup>18</sup> Aqui trabalhamos com a indicação da Secretaria Nacional de Juventude que pensa as pessoas até 29 anos como jovens adultos. Na presente análise, quando se considera jovem até 24 anos, passamos a ter o percentual de 40%.

que os segmentos mais pobres da população campinense têm menos ou, em muitos casos, nenhum acesso a outros instrumentos de resolução de conflitos, a exemplo da justiça e polícia (a não ser na condição de suspeito), entre outros.

Outra variável que merece ser destacada nesta pesquisa é a da raça. Mesmo considerando a possível fragilidade com que tal variável foi construída pelos autores dos dados com os quais trabalhamos, é preciso lembrar que tal “fragilidade” é resultado das “medidas largas” a partir das quais se define raça no Brasil. Seja como for, dentre os dados consultados, havia referência para 223 (duzentas e vinte e três) vítimas. Dessas, 218 (duzentas e dezoito) foram apontadas como negras<sup>19</sup> e 5 (cinco) como brancas. Curiosamente, ou não, o percentual de negros vitimados representa 97% das vítimas para às quais havia referências à cor da pele. Os números não parecem apenas alarmantes, no fundo eles revelam os resultados mais visíveis de um processo cruel de discriminação e dizimação da população negra paraibana. De modo semelhante, encontramos em outra publicação<sup>20</sup> quadro semelhante de incidência de violência homicida sobre a população negra do Estado da Paraíba.

Os tipos de armas utilizadas nos eventos letais e os locais de moradias das vítimas foram duas outras categorias consideradas em nossa pesquisa. Dentre os meios utilizados para levar a cabo a morte de outrem, em 260 (duzentos e sessenta eventos) foram utilizados armas de fogo; em 30 (trinta) foram empregados armas brancas e nos demais foram empregados paus, pedras, espancamento, esganadura etc. O total de eventos letais nos quais armas de fogo foram empregadas com o intuito de matar equivalem a 80% dos casos de homicídios em Campina Grande durante os anos de 2009 e 2010.

---

<sup>19</sup> Aqui trabalhamos com a definição proposta pela IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) que inclui pardos e pretos na categoria negro.

<sup>20</sup> WAISELFISZ, Julio Jacobo. (Op. Cit.2011, p. 62) revela que no ano de 2010, das 1378 (mil trezentas e setenta e oito) pessoas assassinadas no Estado da Paraíba, 1329 (mil trezentas e vinte e nove) eram negras e 49 (quarenta e nove) eram brancas. O percentual de negros neste quadro equivale a 96,4%. Portanto, semelhante àquilo que se produz em Campina Grande.

A grande circulação de armas nas mãos da população brasileira pode ser vista como um potencializador de homicídios. Todavia, por mais obvio que pareça, não é a simples presença<sup>21</sup> de arma que determina o seu uso para fins letais, mas sim a decisão do indivíduo de usá-la. Basta lembrar que o Brasil possui atualmente cerca de 15 milhões de armas em mãos privadas, das quais mais da metade não é registrada. Nos Estados Unidos existem 270 milhões de armas nas mãos da população. Haveremos de supor, portanto, que nos Estados Unidos se mata muito mais por armas de fogo do que no Brasil. Todavia, não é o que acontece, pois no Brasil se mata três vezes e meia mais com armas de fogo do que nos Estados Unidos.

Com relação ao local de moradia<sup>22</sup> das vítimas, 210 (duzentas e dez) residiam em bairros com condições precárias de infraestrutura, marcados pela ausência de equipamentos públicos de uso coletivo, como praças, postos de saúde, rede de esgoto, escolas, espaços de lazer etc. Coincidentemente, há uma forte correlação entre lugar de moradia e de ocorrência dos eventos criminosos, mostrando que a espacialidade geográfica nos casos dos crimes de homicídios ocorridos em Campina Grande assume uma relevância singular na configuração social dos crimes de homicídios. Não se trata, portanto, da vítima estar no lugar "errado" na hora "errada", pois em boa parte dos casos, as vítimas se encontravam em lugares próximos às suas casas, que se espera, seja um ambiente de acolhimento, repouso, respeito e proteção à sua integridade física.

Com base no quadro de ocorrência homicidas em Campina Grande, certamente é possível falarmos em bairros nos quais as práticas de violência homicida são mais suscetíveis de ocorrer, com destaque para localidades periféricas como Pedregal, Glória, Bodocongó, Distrito de São José da Mata, Araxá, Jeremias,

---

<sup>21</sup> Sobre informações a respeito das quantidades de armas no Brasil e nos EUA ver [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/12/121218\\_armas\\_brasil\\_eua\\_violencia\\_mm.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/12/121218_armas_brasil_eua_violencia_mm.shtml). Acesso em 10 de agosto de 2013.

<sup>22</sup> Nesta pesquisa, os bairros da cidade foram considerados a partir de cinco categorizações: nobre, periférico, centro, distrito e zona rural. As condições econômicas das populações dessas localidades e a infraestrutura dos bairros tiveram relevância na classificação.

Morro do Urubú. Todavia, essa maior suscetibilidade é resultado da relação de variáveis que incluem ausência de infraestrutura, pouca<sup>23</sup> presença estatal no campo da segurança e na regulação de conflitos, práticas comerciais ilícitas em algumas localidades, forte ingestão de bebidas alcoólicas em outras etc. Nesse cenário, vale lembrar, a presença de armas de fogo e armas brancas em dadas situações de conflitos também deve ser considerada como “potencializadora” de homicídios.

Muitas das reportagens e BO’s aos quais tivemos acesso durante a pesquisa indicavam que os suspeitos residiam nas mesmas localidades das vítimas, o que fortalece a hipótese de ver esses espaços de exclusão social, marcados pela precariedade das mais variadas ordens, como espaços de forte letalidade homicida na cidade. Essa “coincidência” resulta de uma configuração social que ao mesmo tempo em que produz, exclui os segmentos pobres da população, forçando-os a residirem nas periferias e os “entregando” à própria sorte, deixando-os “ao léu”. Como se não bastasse, esses grupos e indivíduos ainda são responsabilizados (por conservadores) como os únicos responsáveis por tudo o que ocorre em seus cotidianos. Não por acaso, algumas explicações dos segmentos tradicionais das classes médias, da imprensa ou mesmo da polícia, atribuem aos crimes ocorridos nessas localidades o caráter de “queima de arquivo”, “resistência à polícia”, “envolvimento com coisas erradas”, usuário de drogas etc.

No fundo, essas explicações partem da ideia generalizante de que a violência homicida seria uma “normalidade” no espaço da periferia pobre da cidade. O mesmo, certamente não se produz quando os crimes de homicídio ocorrem nos bairros considerados nobres e/ou quando atingem algum dos seus membros. Assim, o que se constata nas periferias da cidade no tocante á violência homicida é utilizado como justificativas. E, nesse cenário, as regularidades de categorias sociais de vítimas e agressores são vistas como confirmação/reforço das explicações conservadoras.

---

<sup>23</sup> Por vezes, a presença policial em determinadas localidades se resume “a caçar suspeitos” de terem cometido algum crime.

## Conclusão

Certamente a análise da dinâmica dos homicídios em Campina Grande requer um esforço para uma “compreensão profunda” do conjunto de variáveis que contribuem em maior ou menor grau para tal quadro de violência no município paraibano. E, nessa tentativa de explicação, as transformações ocorridas nas últimas décadas no país, com seus impactos positivos e negativos, e sua conseqüente influência no campo das disputas entre grupos e indivíduos na cidade em tela precisam ser consideradas. É nessa direção que hoje se fala em um processo de interiorização da violência no Brasil. Esse tema por si só renderia muitos trabalhos acadêmicos.

O aquecimento da economia na região Nordeste acima da média nacional nesses últimos anos trouxe um forte investimento e transformações urbanas na cidade de Campina Grande, onde o processo de verticalização imobiliária ganhou novo impulso e o comércio tem vivido bons momentos. Evidentemente, esse cenário de oportunidades traz consigo a expansão de novas circunstâncias, inclusive o aumento da circulação e consumo de bens lícitos e ilícitos, tais como cd's, carros, motos, casas, apartamentos, bebidas, roupas, sapatos, tênis, relógios, viagens, drogas, arma etc. E, paralelamente, gera-se o aumento das disputas em torno dos possíveis benefícios dessa expansão de oportunidades. Disputas essas que se dão das mais variadas formas, a partir de configurações sociais já presentes, e que passam a ser potencializadas de novos conflitos e de novas formas e alternativas para a resolução desses. Juntem-se a isso as difíceis condições e a sempre lenta atitude do Estado paraibano, incluindo-se aí os seus policiamentos, militar e civil, em dar conta das demandas que aparecem, particularmente quando envolvem indivíduos e grupos com reduzido poder de influência e mobilização política.

No cenário social da cidade desta urbe, a ocorrência de homicídios não se constitui como obras do acaso, frutos de eventualidades nas quais indivíduos e

grupos entram em conflito, resultando em morte. Em muitos dos casos analisados na pesquisa percebemos elementos que indicavam o homicídio como uma das etapas de processos conflituosos entre indivíduos e/ou grupos. Assim, o homicídio não se colocava como um “estranho no ninho”, como uma eventualidade ou um pavoroso acidente. Antes, ele se anunciava como uma possibilidade real em meio a processos conflituosos que se estendiam por meses. Como se diz no “mundo do crime”: a chapa esquentou por muito tempo.

Com efeito, no caso analisado nesta pesquisa, é possível se falar em um padrão de produção de homicídios, a partir das regularidades de tipos e características das vítimas e, possivelmente, de seus autores.

Apontar tais regularidades não implica negar a existência de crimes ocasionais e em circunstância adversas àquelas aqui indicadas. Todavia, como vimos nos dados acima elencados, essa “regularidade” nas práticas homicidas é produzida a partir da vitimização de indivíduos que pertencem em sua grande maioria a grupos sociais pobres e marginalizados. Eles são negros, moradores da periferia, com baixo nível de escolaridade e formação profissional incipiente ou exercendo funções de trabalho que não exigem nenhuma formação profissional. São homens, jovens, solteiros e foram atingidos por arma de fogo na grande maioria dos casos.

A face das vítimas de homicídios na cidade de Campina Grande durante os anos de 2009 e 2010 têm características comuns a tantos outros indivíduos que se encontram na margem da exclusão social na cidade. Em outras palavras, “vivos e mortos” pertencem (iam) ao mesmo cenário e vivem (iam) em meio a desafios comuns. É desnecessário afirmar que as evidências atuais mostram que o perfil das vítimas de homicídio não sofreu modificações nos anos que sucederam a realização da pesquisa cujo presente texto procurar detalhar.

Nesse cenário, os homicídios parecem atualizar, a seu modo, um processo contínuo de exclusão social de indivíduos e grupos socialmente relegados à margem. Muitos são enxotados horizontalmente, conduzidos aos bairros periféricos, distantes

dos centros de poder e de “benefícios”. Entre esses, “alguns” são conduzidos à marginalidade verticalizada, para baixo da terra, atingidos pela face mais cruel e final da exclusão, a letalidade.

## Referências

- ADORNO, Sérgio. *Conflitualidade e violência*. Reflexões sobre a anomia na contemporaneidade, *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, S. Paulo, 10(1): 19-47, maio de 1998.
- ARENDT, Hannah. *Sobre a Violência*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- BAUMAM, Zygmunt. *Medo Líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- CESNAIS, Jean-Claude. *Histoire de la violence en occident de 1800 à nos jours*. Paris : Hachette, 1981.
- CLASTRES, Pierre. *Arqueologia da violência*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- CLASTRES, Pierre. *A Sociedade contra o estado*. São Paulo: Cosac & Naify. 2003.
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador. Uma História dos Costumes*. Vol. I, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- FREUND, Julien. *Sociologie du Conflit*. Paris: PUF, 1983.
- GIRARD, René. *A violência e o Sagrado*. 3ª. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- HERITIER, Françoise. Les fondements de la violence. Analyse anthropologique. In: TOUATI, Armand (Org.) *Violences*. De la Réflexion à l'Intervention. Paris : Cultures em Mouvements, 2004.
- MAFFESOLI, Michel. *A violência Totalitária*. Ensaio de antropologia política. Porto Alegre: Sulina, 2001.
- MARTUCCELLI, Danilo. Reflexões sobre a violência na condição moderna. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, São Paulo, 11 (1), 157- 175, maio de 1999.
- MICHAUD, Yves. *A Violência*. São Paulo, Editora Atica, 2001.

NÓBREGA Jr. José Maria Pereira de. *Os homicídios no Brasil, no Nordeste e em Pernambuco : dinâmica, relações de causalidade e políticas públicas* Recife: UFPE, 2010. 271 folhas (Tese de Doutorado em Ciência Política)

SIMMEL, George. *Le Conflit*. Préface de Julien Freud. Traduit de l'allemand par Sibylle Muller. Saulxures: Editions Circé, 1995.

WASELFSZ, Julio Jacobo. *Mapa da Violência 2012: Os Novos Padrões da Violência Homicida no Brasil*, São Paulo: Instituto Sangari, 2011.

WASELFSZ, J. J. *Mapa da violência 2013*. Mortes matadas por arma de fogo. São Paulo: Centro Brasileiro de Estudos latinoamericanos/Flacso Brasil, 2013.

WASELFSZ, J. J. *Mapa da Violência 2010*. Anatomia dos homicídios no Brasil, São Paulo: Instituto Sangari, 2010.

WASELFSZ, J. J. *Mapa da Violência 2011*. Os jovens do Brasil, Brasília: Ministério da Justiça; São Paulo: Instituto Sangari, 2011.

WASELFSZ, J. J. *Mapa da Violência dos Municípios Brasileiros 2008*. Brasília/São Paulo: Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana, RITLA/ Ministério da Saúde/Ministério da Justiça/Instituto Sangari. 2009.

WEBER, Max. *Ensaios de Sociologia*. 5ª. Ed., Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1982.

#### **Autor**

Vanderlan Silva

Dr. em Ciências Sociais

Professor da UFCG

Email: [vanderlansilva@uol.com.br](mailto:vanderlansilva@uol.com.br)